



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

EDUCAÇÃO E IDENTIDADE: A CONTRIBUIÇÃO DA ESCOLA NO FORTALECIMENTO DA IDENTIDADE DOS ALUNOS QUILOMBOLAS

Ivanilza de Souza Beserra¹; Rafaelly Delmira Saraiva Albuquerque²; Cícero Nilton Moreira da Silva³

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE/ivanilza2010@hotmail.com

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE/rafaellydelmiraalbuquerque@gmail.com

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE/ciceronilton@yahoo.com.br

Resumo: O presente trabalho reflete sobre a trajetória escolar de uma aluna negra quilombola, da cidade de Portalegre/RN, no sentido de compreender as contribuições da educação formal no fortalecimento da sua identidade. Tem por objetivo entender como a escola (e as práticas de ensino nela desenvolvidas) contribui na luta pela igualdade e fortalecimento das identidades dos povos quilombolas, considerando as políticas educacionais voltadas para esses povos e como isso se reflete na vida deles, tanto no aspecto pessoal quanto profissional. A metodologia utilizada segue o viés da pesquisa qualitativa, haja vista que o enfoque está na compreensão das implicações da relação entre educação e identidade. Para tanto, faz uso da perspectiva metodológica da autobiografia, a qual permite que os sujeitos colaboradores da pesquisa construam narrativas de si mesmos. O trabalho, nesse sentido, combina revisão teórica com pesquisa empírica. O embasamento teórico está sustentado, entre outros, nos seguintes autores: Perrenoud (1995), Brandão (2008), Gomes (2016). Ainda em fase de andamento a pesquisa nos permite assinalar como resultados e considerações preliminares, que, entendemos a escola como a principal instituição educativa formal da sociedade, deve promover práticas de ensino voltadas para a diversidade, o que permitirá que as particularidades culturais possam ser respeitadas e valorizadas. Aborda a relação entre educação e identidade a partir da narrativa de vida de uma aluna da educação básica, de origem quilombola e busca-se entender de que forma a escola contribuiu (ou não) para que a identidade (negra quilombola) dessa aluna fosse/seja fortalecida.

PALAVRAS-CHAVE: educação, identidade, narrativa de vida, remanescente quilombola.

1 INTRODUÇÃO

¹ Aluna regular do Programa de Pós-Graduação em Ensino (PPGE), vinculado ao Departamento de Educação do Campus Avançado “Profa. Maria Elisa de Albuquerque Maia (CAMEAM), da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN).

² Aluna regular do Programa de Pós-Graduação em Ensino (PPGE) vinculado ao Departamento de Educação do Campus Avançado “Profa. Maria Elisa de Albuquerque Maia (CAMEAM), da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN).

³ Professor doutor em geografia, faz parte do quadro permanente da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN (Campus de Pau dos Ferros-RN) e do Programa Pós-graduação em Ensino (PPGE/CAMEAM/UERN).



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

As sociedades guerreiras da África recebiam o nome de “Kilombo”. No Brasil essa palavra designava os espaços geográficos ocupados pelos escravos negros que fugiam do cativeiro nos tempos da escravidão. Eram, pois, espaços de resistência (física e cultural). Eram também chamados de *cerca* ou *mocambo*. De acordo com Fausto (2015), os quilombos eram estabelecimentos de negros que escapavam da escravidão através da fuga e formavam no Brasil formas de organização social semelhantes às da África. Existiram muitos quilombos no Brasil, entre grandes, médios e pequenos.

Atualmente os quilombos recebem o nome de *comunidades quilombolas*. Estas existem em todo o território nacional, tanto na zona rural quanto urbana. Considerando o processo [histórico] da sua formação, o qual envolveu inúmeras lutas [no sentido físico e simbólico], é de importância fundamental que se preserve a história e a identidade cultural dessas comunidades. Para tanto, faz-se necessário que haja a valorização da sua herança cultural, a luta contra o preconceito e a construção de modos de vida autossustentáveis.

Este trabalho reflete sobre a trajetória escolar de uma aluna negra, remanescente de quilombola do Sobrado, uma das quatro comunidades quilombolas da cidade de Portalegre/RN, a qual está localizada na zona rural do município e é considerada uma das mais organizadas. Partindo dessas considerações, pretendemos compreender as contribuições da escola no fortalecimento da identidade dos alunos provenientes dessas comunidades.

O trabalho tem por objetivo entender como a escola (e as suas práticas de ensino) contribui para fortalecer a identidade cultural dos alunos quilombolas. Pretende, pois, compreender como a instituição se constitui enquanto instrumento da luta pela igualdade racial.

A metodologia de trabalho é a narrativa de vida, pois permite perceber como as pessoas pensam sobre os acontecimentos passados, presentes e futuros, permitindo compreender os sentidos atribuídos aos fatos de suas vidas e como esses atuam na formação da sua identidade.

Metodologia

Este trabalho atende aos pressupostos da abordagem qualitativa, haja vista que procura refletir sobre os sentidos e compreensões dos sujeitos sobre a sua própria formação identitária.

(83) 3322.3222

conedu@conedu.com.br

www.conedu.com.br



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Inicialmente, realizamos uma revisão da bibliografia pertinente, a qual nos permitiu refletir sobre alguns conceitos e questões atinentes à temática.

Com Gomes (2016) refletimos sobre os a relação entre educação e identidade negra, com foco na contribuição da escola no fortalecimento identitário. As Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana (BRASIL, 2004), por sua vez, nos permitiram compreender a necessidade de práticas de ensino voltadas para a valorização da cultura e história afro-brasileira. Já com Brandão (2008) e Novóia e Finger (2014) nos apropriamos dos aportes teórico/análítico/conceituais para trabalhar com o método autobiográfico, inclusive o conceito de memória.

Segundo Novóia e Finger (2014), a autobiografia possibilita penetrar fundo na investigação dos sujeitos, haja vista que permite (re)viver as memórias dos mesmos. Temos, pois, que a memória é o núcleo de sentido da autobiografia. É através dela que os sujeitos *reescrevem* sua história no presente e *revelam* os episódios particulares que influenciaram a sua identidade.

Para Brandão (2008, p. 19), “O termo memória – no singular e no plural – refere-se [...] à faculdade de lembrar e de conservar o passado e, também, aos relatos que descrevem esse passado (re) vivido, pressupondo, assim, um narrador”. Dessa forma, entendemos que essa metodologia se adequa à categoria de estudos que tratam dos sentidos atribuídos pelos sujeitos a determinados episódios, práticas, situações, processos, acontecimentos. Ou seja, objetos de estudo nos quais os sujeitos são, além de observadores, participantes.

A narrativa, portanto, possibilita que a pessoa relate situações vividas, atribuindo muitas vezes novos significados à experiência relatada. Podemos dizer que a escrita de si é um instrumento que nos possibilita compreender uma realidade, em um determinado tempo, que difere dos tempos atuais. Segundo Ferrarotti (2014, p. 44),

Uma narrativa autobiográfica, não é um relato de “acontecimentos”, mas uma ação social pela qual um indivíduo retotaliza sinteticamente a sua vida (a biografia) e a interação social em curso (a entrevista), por meio de uma narrativa - interação. A narrativa biográfica conta uma vida? Diríamos antes narra uma interação presente por intermédio de uma vida.

Vê-se, pois, que a autobiografia (e as narrativas) é uma técnica muito importante na pesquisa acadêmica, haja vista que dificilmente outra técnica será capaz de captar a dimensão subjetiva do sujeito quanto esta. Compreendemos que as memórias não são meras recordações

(83) 3322.3222

conedu@conedu.com.br

www.conedu.com.br



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

de lembranças, mas formas de compreender uma realidade presente através da revivescência de fatos passados. E o elemento mediador dessa compreensão é o próprio sujeito que participou desses fatos.

Para Finger (2014), o método biográfico surgiu a partir de resultados epistemológicos e teorias com objetivo de por em prática processos de tomada de consciência. Dessa maneira, entendemos que os relatos dos sujeitos podem revelar não só o fato descritivo, mas a descoberta de fatos novos que o sujeito não tomou consciência, no momento mesmo da sua vivência.

2 ESCOLA E FORTALECIMENTO DAS IDENTIDADES

A educação escolar é o meio pelo qual se socializa os sujeitos em nossa sociedade. Ou seja, é o mecanismo de conservação (e reprodução) do conhecimento produzido pela humanidade. Dizer-se educado significa, pois, estar equipado de uma série de conhecimentos e habilidades (pessoais e profissionais) que a sociedade produziu e valoriza. A função da escola é exatamente esta, preparar os indivíduos para que adquiram essas habilidades e esses conhecimentos. Pode-se dizer, portanto, que a escola tem papel preponderante na formação da identidade dos sujeitos.

A construção do conhecimento, todavia, não ocorre de forma linear, e sim em diferentes etapas e sob a influência de vários aspectos da vida do sujeito. Isso vale tanto para a educação formal quanto para a informal. Sendo assim, podemos dizer que a aquisição desses conhecimentos e habilidades de forma significativa depende, impreterivelmente, do sentido que os sujeitos atribuem a eles ou às práticas da escola. De outra parte, entendemos que a forma como a escola valoriza os seus alunos é também fundamental para que eles tenham trajetórias escolares exitosas e significativas. Isso inclui, por exemplo, a valorização da cultura de origem dos alunos.

Considerando a diversidade cultural brasileira, entendemos que a escola (e o profissional docente) deve exercer seu papel sabendo que o conhecimento é adquirido por meio da interação social e influenciado pelas experiências de vida, pelos valores, crenças, ou seja, pela cultura dos discentes. Isso significa que à escola cabe atuar de modo a reconhecer e valorizar as identidades culturais dos sujeitos. Agindo assim, a escola dará sentido à presença dos alunos naquele espaço. Para Gomes (2016, p. 02), “a escola é vista, aqui, como um espaço



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

em que aprendemos e compartilhamos não só conteúdos e saberes escolares, mas, também, valores, crenças e hábitos, assim como preconceitos raciais, de gênero, de classe e de idade”.

Apesar da escola não ser a única responsável pela educação do sujeito, ela tem uma importância incontestável na preparação do mesmo para a atuação na sociedade. É a partir dela que o sujeito assimila os conhecimentos e habilidades requeridas pela sociedade. É através dela, igualmente, que o sujeito aprende novas formas de socialização, processo que é fundamental para a constituição da identidade.

A educação escolar, todavia, nem sempre foi direito de todos. Muitos grupos sociais, entre eles os negros, não tiveram acesso à educação formal (escola) durante séculos. Os negros, em particular, tiveram esse direito tolhido mesmo após séculos depois de findado o regime escravocrata. Entre os diversos direitos pelos quais os negros tiveram que lutar estava (e ainda está), portanto, o direito à educação.

Hoje, existem algumas políticas públicas educacionais (lei 10.639/03 e lei 11.645/05) voltadas para o oferecimento de uma proposição político-pedagógica de educação para negros. Essas políticas foram formuladas após muitas lutas e visam diminuir a desigualdade e reparar a exclusão fruto do regime escravocrata. Com base nesses fatos, podemos dizer que há um esforço do Estado brasileiro forçado pela pressão dos negros organizados em movimentos sociais, que segundo Brasil (2016), veio a assumir um compromisso em 2003, quando foi criado um organismo específico voltado à promoção da igualdade racial na esfera pública a Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (SEPPIR), apesar de desde 1960 muitos em construir uma escola baseada na diversidade e na valorização das diferenças culturais, sociais, intelectuais. Ou seja, uma escola que realmente atue mostrando que as pessoas são iguais, de acordo com a condição humana e que cada aluno que entra na escola possui uma história e uma cultura, a qual deve ser valorizada.

A escola, de um modo geral (e o professor, de modo particular), deve garantir esses direitos adquiridos. Para tanto, é necessário que os professores sejam qualificados para trabalhar com essas políticas de valorização da cultura negra, para que os alunos negros que frequentem a escola se sintam incluídos. Dessa forma, criam-se práticas voltadas para a igualdade e valorização da diferença, as quais podem culminar na diminuindo de práticas preconceituosas contra o negro.

O aluno negro possui uma identidade cultural que poderia ser fortalecida e valorizada pela escola, o que muitas vezes não acontece. Geralmente, se apresenta uma única cultura

(83) 3322.3222

conedu@conedu.com.br

www.conedu.com.br



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

como padrão para todos os alunos, o que por vezes pode levar os alunos negros a negar a própria cultura. Os negros fazem parte da história do Brasil. Sendo assim, a escola deveria trabalhar de modo a desconstruir a imagem negativa que se criou em torno dos negros e mostrar que ser negro não é motivo de vergonha, e sim um orgulho. Vejamos o que Gomes (2016, p. 03) diz sobre essa função da escola:

[...] quando pensamos a escola como um espaço específico de formação inserida num processo educativo bem mais amplo, encontramos mais do que currículos, disciplinas escolares, regimentos, provas, testes e conteúdos. Deparamo-nos com diferentes olhares que se cruzam, que se chocam e que se encontram. A escola pode ser considerada, então, como um dos espaços que interferem na construção da identidade negra. O olhar lançado sobre o negro e sua cultura, no interior da escola, tanto pode valorizar identidades e diferenças quanto pode estigmatizá-las, discriminá-las, segregá-las e até mesmo negá-las.

A escola deve dar sua contribuição nesse processo de construção e valorização das identidades, haja vista que ao fazer isso estará contribuindo para que a luta dos negros por igualdade de direitos e condições seja fortalecida. Compreendemos, portanto, que a escola pode contribuir decisivamente para a desconstrução do preconceito racial. Para tanto, ela precisa assumir o compromisso de lutar pela valorização da cultura negra. E como se faz isso? Incorporando a cultura e a história afro-brasileira no currículo e nas práticas escolares. Para isso, ressaltamos, é necessário que os profissionais da educação (gestores escolares, coordenadores/supervisores pedagógicos e professores) se qualifiquem para poderem trabalhar adequadamente com os temas étnico-raciais. Para dar sentido à presença dos alunos negros, a escola deve saber suas origens, valorizá-las e mostrar que todos são iguais e devem possuir o mesmo valor na sociedade.

3 LEITURA DA REALIDADE ESCOLAR

A narrativa de vida é uma forma de ter acesso ao processo de construção socioindividual dos sujeitos, ou seja, é uma forma de conhecer os sujeitos a partir da própria imagem que fazem de si mesmos e do contexto social onde vivem. Nesse sentido, apresentamos em seguida à análise de uma narrativa de vida de uma aluna de uma comunidade quilombola de Portalegre/RN. O objetivo da análise é refletir sobre a trajetória

(83) 3322.3222

conedu@conedu.com.br

www.conedu.com.br



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

escolar da aluna para perceber que sentidos ela atribui a esse processo na sua formação enquanto sujeito [quilombola].

Colibri e sua trajetória escolar

A comunidade quilombola Sobrado localizada em Portalegre RN, está situada na zona rural do município. Possui aproximadamente 48 famílias, tratando-se de uma comunidade organizada com líderes comunitários, que estão sempre presentes nas discursões direcionadas para o povo quilombola, associações, através da Assistência Social grupo de mulheres, idosos e adolescentes (grupos formados através da solicitação dos moradores dessa comunidade), além de posto de saúde e contemplação de uma fábrica de lingerie que está em construção. Entre as manifestações culturais preservadas estão o grupo folclórico-cultural do Maneiro-Pau, a festa do Padroeiro da comunidade São Sebastião, que acontece no Centro Comunitário da Comunidade nomeado “Centro Comunitário São Sebastião”, além de outras atividades que a população desenvolve.

Os dados empíricos deste artigo foram construídos a partir da narrativa autobiográfica de uma aluna negra dessa comunidade quilombola. Para preservar a sua identidade, usamos o pseudônimo *Colibri*. Na sua apresentação ela diz:

Eu sou Colibri Tenho 19 anos, moro em Portalegre, na zona rural, e sou de uma comunidade quilombola, gosto bastante da minha comunidade por ela sempre querer manter suas tradições e preservar sua raça e cultura, procurando sempre passar para as novas gerações o valor que lá existia e que ser quilombola tem. Nos ensinando a procurar se defender dos preconceitos.

Nesse trecho a discente expressa o seu orgulho em ser quilombola, fruto de um trabalho existente na, percebido na fala da mesma. Essa identidade reconhecida e fortalecida é muito importante no processo de reflexão sobre à igualdade social. Nota-se também que *Colibri* enfatiza que a comunidade escolar os ensina a se defender dos preconceitos, embora não tenha dito como.

De acordo com Brandão (2008, p. 36),

Ao procurarmos responder à pergunta “quem sou eu?”, temos uma memória que guia essa resposta, latente no nome da família e também no lugar de origem – “de onde sou”? A busca por identidade, mediante memórias, no que traz a filiação e no território de origem, é fundamental para o nosso



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

sentido de pertencimento – tanto social como psíquico –, que possibilita (ou impede) a integração e a construção de relações intergrupais.

A narrativa autobiográfica, na busca do resgate da memória, nos possibilita identificar as origens e identidades das pessoas que fazem esse resgate. Dessa forma, cada item mencionado é importante, desde as questões familiares e de origens, às relações vividas nos grupos ou comunidades.

A herança colonial deixada pela escravidão faz a população negra sofrer até os dias hoje, pois o preconceito está presente em todos os meios sociais, inclusive na escola. Nesse sentido, podemos compreender a importância da escola valorizar a cultura negra e quilombola. Para Gomes (2016, p.15), “O preconceito é um julgamento negativo e prévio dos membros de um grupo racial de pertença, de uma etnia ou de uma religião ou de pessoas que ocupam outro papel social significativo”. Para que o julgamento negativo em relação aos negros seja desconstruído, pois, a atuação da escola é fundamental.

De acordo com *Colibri* os negros remanescentes de quilombolas dessa comunidade são preparados para enfrentar o preconceito. Por esse motivo, interpretamos que isso significa que os negros da comunidade têm uma identidade cultural estabelecida e autodeclarada.

O *Sobrado* foi uma das quatro comunidades quilombolas portalegrenses reconhecidas pela FCP⁴, em 2007. Infelizmente, a comunidade ainda não possui reconhecimento do Instituto Nacional de colonização e Reforma Agrária (INCRA), como as outras comunidades quilombolas de Portalegre.

A comunidade possui hoje apenas uma escola de educação infantil, pois as outras de ensino fundamental mais próxima foram fechadas devido à falta de alunos. Segundo a Secretaria Municipal de Educação a falta de aluno acontece devido o êxodo rural e a taxa de natalidade que é muito baixa. Estimasse que essas escolas tenham sido fechadas entre o ano de 1999 a 2012, **E. M. Antônio Marcelino** (Sítio Serrinha), **E. M. Augustinho Hermes de Freitas** (Sítio Lajes), **E. M. Bernardo de Paula** (Chã de Vila), **E. M. Francisco Soares Dias** (Bom Jardim), **E. M. João Liberal** (Santa Tereza), **E. M. Luiz Cavalcante** (Jatobá) e **E. M. Margarida de Freitas** (Pimenta), Secretaria Municipal de Educação. Tendo em vista a justificativa a cima, a melhor estratégia (segundo o poder público) é o transporte desses

⁴ Fundação Cultural Palmares é uma entidade pública do Brasil, instituída pela Lei Federal nº 7.668/88, vinculada ao Ministério da Cultura, tem por objetivo promover e preservar a cultura afro-brasileira reconhecendo a existência das comunidades quilombolas.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

alunos para comunidades mais próximas ou para cidade (sede municipal). Vejamos o que Colibri fala sobre isso:

Meu ensino fundamental foi bastante bom e produtivo, pois sempre gosto de participar de todas as oportunidades que surgem na escola, procurando mim atualizar e ser informada sobre os assuntos, lembro que adorava ser a líder da turma onde quando surgia algum problema dentro da sala de aula eu era quem ia resolver e gostava de muito mais de pegar os horários vagos que apareciam pra manter como uma professora adorava estudar no meu sítio pelo fato de quase todos serem negros é tanto que quando foi para estudar o ensino médio sentir um grande constrangimento em ter que mudar de colégio e passar a estudar na zona urbana vim a força por não ter lá na comunidade, foi difícil superar o medo porque achava que o pessoal da rua era mais do que os do sítio, mais com o tempo mim adaptei e conseguir manter tudo de boa. (Entrevista de campo da pesquisa).

Podemos perceber que *Colibri* se sentia muito bem estudando na sua comunidade, e que, apesar dos professores acreditarem que o medo que os alunos da zona rural têm ao passar a estudar na cidade, foi superado através das políticas públicas para educação, que visam promover a igualdade racial na escola. Desse modo, nota-se na sua fala que ainda existe esse sentimento, apesar das lutas por inclusão e respeito à diversidade.

A educação étnico-racial é uma importante questão a ser tratada nas escolas. Mas, será que os Projetos Políticos-Pedagógicos (PPP) das escolas de Portalegre são atualizados de maneira que venham atender esses alunos remanescentes de quilombolas?

Ao formularmos essa questão, não queremos dizer que eles devem possuir tratamento diferenciado - já que se deseja a igualdade - mas que as suas diferenças culturais sejam reconhecidas e valorizadas, de modo que possam fortalecer suas identidades culturais para que os alunos não tenham vergonha das suas origens. Assim, a escola tem um papel primordial nesse assunto.

No ensino fundamental, o ato de educar implica uma estreita relação entre as crianças, adolescentes e os adultos. Este vínculo precisa estar pautado em tratamentos igualitários, considerando a singularidade de cada sujeito em suas dimensões culturais, familiares e sociais. Nesse sentido, a Educação das Relações-Étnicas – Raciais deve ser um dos elementos estruturantes do projeto político – pedagógico da escola (BRASIL, 2013, p. 50).

Diante disso, podemos perceber o quanto é importante às escolas manterem seus PPP atualizados, de modo a contemplar todas as raças e etnias. No caso das escolas de Portalegre/RN é fundamental que a temática das comunidades quilombolas esteja presente, haja vista que se trata de um município que possui muitas comunidades quilombolas.

(83) 3322.3222

conedu@conedu.com.br

www.conedu.com.br



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

Além de um PPP inclusivo e diversificado, é fundamental que as escolas tenham professores qualificados, capazes de desenvolver um trabalho orientado na perspectiva de incluir todos os sujeitos, independentemente da cor, da religião, da etnia e da cultura.

Identificamos também na fala de *Colibri*, através da sua reflexão sobre o ensino médio o qual estava inserida, que foi muito importante na sua formação uma vez que veio a superar as expectativas que tinha sobre esse ensino na escola.

O meu ensino médio também foi bom só não foi melhor por falta de professores qualificados em algumas matérias e nem serem atualizadas nas leis que tem sobre uma comunidade incentivando os alunos a não deixarem sua cultura de mão, mais deu pra ir, é tanto que agora depois de 3 anos parada vou cursar uma faculdade de licenciatura em educação no campo e estou muito feliz e ansiosa para começar, onde pretendo ir em buscar demais sabres para minha comunidade. (Entrevista de campo da presente pesquisa).

Há, nessa fala, uma clara referência ao papel da educação na conquista de melhores condições de vida, embora reconheça que a escola poderia contribuir muito mais. Pode-se dizer que este é um caso de sucesso motivado não só pela vontade individual, mas também pelo apoio do grupo do qual faz parte. Nesse sentido, é importante ressaltar que, segundo Perrenoud (1995, p. 80),

[...] nem toda as famílias e nem todos os alunos têm estratégias tão ambiciosas: alguns não têm nenhuma e não arriscam tão longos voos; outros contentam-se em aspirar a uma formação profissional qualificada ou a ingressar numa escola técnica ou comercial que lhes possa garantir possibilidades de emprego, um salário conveniente e uma eventual progressão na carreira até se atingir funções mais elevadas.

O Ensino Médio é a última etapa da educação básica (BRASIL, 2003). É nessa fase que o indivíduo se prepara para ingressar no ensino superior e posteriormente no mercado de trabalho. Entretanto, poucos são os jovens que ingressam no ensino superior.

É também no Ensino Médio que devem ser consolidados os conhecimentos para o pleno exercício da cidadania e a preparação para o trabalho. Dessa maneira, o Ensino Médio deve está preparado para receber seus alunos e oferecer um ensino de qualidade pautado no respeito e valorização das diferenças culturais.

Quanto às políticas públicas educacionais voltadas para a valorização da cultura negra, podemos citar duas, entre as mais importantes. Primeiro, a Lei 10.639/03 estabelece a inclusão no currículo oficial da Rede de Ensino a temática *História e Cultura Afro-Brasileira*.

(83) 3322.3222

conedu@conedu.com.br

www.conedu.com.br



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

E segundo, a Lei 11.645/05, que inclui no currículo oficial da rede de ensino as temáticas *História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena*. Portanto, é obrigatório que as escolas brasileiras cumpram estes dispositivos legais e incluam essas temáticas em seus currículos.

Assim questionamos se as políticas públicas que visam promover a igualdade racial, existentes no nosso país estão resultando positivamente para os fins a elas propostos. Uma vez que *Colibri* menciona a falta de professores qualificados, podemos entender que sente a falta de professores que direcionem suas discursões para a temática étnica racial, que é uma obrigatoriedade da escola.

Outro ponto que nos chamou atenção foi quando *Colibri* mencionou que estava ansiosa para cursar Educação do Campo⁵, para trazer mais saberes para a comunidade. Há um claro interesse em preservar suas origens e contribuir para o desenvolvimento da sua comunidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observando a fala de *Colibri*, compreendemos que, a pesar das lutas dos negros por um lugar reconhecido na sociedade e uma, ainda existem muitas dificuldades. No que se refere à educação escolar, uma das principais dificuldades é a falta de qualificação dos professores, que se reflete em práticas de ensino descompromissadas em relação ao reconhecimento e valorização da cultura negra.

Outra questão que nos chama atenção é o medo da aluna quilombola, antes de ir estudar na zona urbana. Interpretamos com isso que ainda existe um grande preconceito com relação aos alunos provenientes da zona rural. E para ela é ainda maior, por ser uma aluna rural, negra e quilombola.

Compreendemos que a escola tem uma grande responsabilidade diante da valorização da diversidade cultural, com especial destaque para as culturas historicamente marginalizadas socialmente, como a indígena e a negra. A escola pode e deve trabalhar na valorização da identidade cultural desses alunos (o que inclusive é lei), de forma que possa contribuir para que tenham uma vida melhor, sem preconceito e reconhecimento social. Diante do discurso da

⁵ Educação do campo curso de Licenciatura Educação do campo ofertado pela Universidade Federal Rural do Semiárido (UFERSA), que tem como objetivo contribuir para a valorização da educação do campo voltada para a realidade do semiárido, será realizado em Mossoró RN, com início das aulas no segundo semestre de 2016.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

aluna, todavia, a escola ainda não está contribuindo como deveria nesse processo de valorização da cultura afro-brasileira, como está definido nas leis supracitadas.

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Vera Maria Antonieta Tordinio. **Labirintos da memória: Quem sou?** São Paulo: Paulus, 2008.

BRASIL. Lei 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira". **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, DF: 10 jan. 2003. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm>. Acesso em: 25 jun. 2016.

BRASIL. Lei Nº 11.645, de 10 março de 2008. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena". **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, DF: 11 mar. 2008. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111645.htm>. Acesso em: 25 jun. 2016.

BRASIL. **Plano nacional de implantação das diretrizes curriculares nacionais para educação das relações étnico-raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana**. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. Brasília: MEC, SECADI, 2013.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil: História do Brasil cobre um período de mais de quinhentos anos, desde as raízes da colonização portuguesa até nossos dias**. São Paulo: EdUSP, 1996. Disponível em: <<http://www.usp.br/cje/anexos/pierre/FAUSTOBorisHistoriadobrasil.pdf>>. Acesso em: 29 jun. 2016.

GOMES, Nilma Lino: **Educação e identidade negra**. Disponível em: <<http://ideario.org.br/wp/wp-content/uploads/2013/10/nilma-lino.pdf>>. Acesso em: 29 jun. 2016.

NÓVOA, Antônio; FINGER, Matthias (Org.). **O método (auto) biográfico e a formação**. Trad. Maria Nóvoa. 2. ed. Natal, RN: EDUFRN, 2014.

PERRENOUD, Philippe. **Ofício de aluno e sentido do trabalhador escolar**. Trad. Júlia Ferreira e José Cláudio. Porto: Porto Editora, 1995.